

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL  EM PORTUGUÊS

Unicuique suum Non praevalent

Ano LI, número 28 (2.655)

Cidade do Vaticano

terça-feira 14 de julho de 2020

O Papa agradece a quantos estão próximos dos doentes nestes tempos de pandemia

Francisco: «muito triste» por Santa Sofia

«Penso em Santa Sofia, e sinto-me muito triste». Assim, no final do Angelus de 12 de julho, o Papa comentou a decisão do Conselho de Estado turco de voltar a transformar o museu de Istambul numa mesquita. Ao mesmo tempo, agradeceu a quantos estão próximos dos doentes nestes tempos de pandemia, saudando da janela do gabinete particular do Palácio Apostólico do Vaticano alguns representantes do ministério da saúde da diocese de Roma, presentes com numerosos fiéis ao meio-dia na praça de São Pedro, e quantos o seguiam através dos meios de comunicação social.

O Papa manifestou o seu pensamento sobre os acontecimentos na histórica cidade do Bósforo, depois de recordar o Dia internacional do mar, que se celebra no segundo domingo de julho, com um abraço ideal aos fiéis reunidos «no porto de Civitavecchia-Tarquínia para a celebração eucarística».

Antes do prece mariano, como de costume, o Pontífice comentou o Evangelho dominical, centrado na



parábola do sementeiro (*Mt 13, 1-23*), definindo-a «um pouco a “mãe” de todas as parábolas», na qual Jesus se refere a quatro tipos de solo: «A Palavra de Deus, simbolizada pelas sementes, não é uma Palavra abstrata,

mas o próprio Cristo, o Verbo do Pai que se encarnou no seio de Maria. Portanto, aceitar a Palavra de Deus significa aceitar a pessoa de Cristo, o próprio Cristo», acrescentou. E assim, sugeriu, há «diferentes

formas de receber a Palavra de Deus», mas só uma é positiva: a do «terreno bom», onde a semente cria raízes e dá fruto».

PÁGINA 12

No sétimo aniversário da visita do Pontífice a Lampedusa

Em fuga do inferno dos campos de detenção



“Solacium migrantium”, “conforto dos migrantes”: é uma das novas invocações a Maria, acrescentadas pelo Papa às ladainhas lauretanas. Foi precisamente com este título que Francisco pediu ajuda à Virgem, para que ela proteja os refugiados e as pessoas deslocadas. Fê-lo durante a missa celebrada na capela da Casa Santa Marta, no Vaticano, na manhã de 8 de julho, sete anos após a sua visita a Lampedusa.

PÁGINA 3

Um novo mundo

Conversa com o Nobel da paz Muhammad Yunus

«Quando soubermos para onde ir, chegar lá será muito mais simples». Muhammad Yunus, economista, prémio Nobel da Paz de 2006, idealizador do microcrédito moderno, tem ideias bastante claras sobre o que fazer num mundo potencialmente alterado pela pandemia. Entretanto, proteger todos contra o vírus, graças a uma vacina que seja declarada “bem comum global”.

ANDREA MONDA NA PÁGINA 4



NESTE NÚMERO

Pág. 2: Onde está o teu irmão?, por Alessandro Gisotti; *pág. 5:* Num livro, a figura de Francisco como líder moral mundial, por Maurizio Fontana; *pág. 6:* Homenagem ao compositor italiano Ennio Morricone, por Marcello Filotei; *pág. 7:* David Bowie e o sentido do domingo, por Massimo Granieri; *pág. 8:* Congelar a produção e o comércio de armas, por Peter Kodwo Appiah Turkson; Mais recursos para assegurar a alimentação, a saúde e o trabalho, por Alessandra Smerilli; *pág. 9:* Mensagem do patriarca Bartolomeu ao Papa Francisco; Celebrado o funeral de Georg Ratzinger; *pág. 10:* Inicativas do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil, por Riccardo Burigana; O Jesuít refúgio a favor dos deslocados em Angola; *pág. 11:* Informações; *pág. 12:* Angelus de 12 de julho.

Sete anos depois da visita de Francisco a Lampedusa Onde está o teu irmão?

ALESSANDRO GISOTTI

«Onde está o teu irmão?, a voz do seu sangue clama por mim, diz Deus. Esta não é uma pergunta dirigida a outros, é uma pergunta que se dirige a mim, a vós, a cada um de nós». Passaram sete anos depois da visita do Papa Francisco a Lampedusa e daquela pergunta dirigida à humanidade na missa celebrada no campo desportivo da ilha no coração do Mediterrâneo. Uma viagem que durou apenas algumas horas mas que foi de certa forma “programática” para o Pontificado. Ali, na ponta sul da Europa, Francisco mostrou o que quer dizer quando fala de “Igreja em saída”. Ele tornou visível a afirmação de que a realidade pode ser vista melhor a partir das periferias do que do centro. No meio de migrantes que tinham fugido da guerra e da miséria, ele fez nascer o seu sonho de uma “Igreja pobre para os pobres”. Por outro lado, em Lampedusa, falando de Caim e Abel, também colocou a questão da irmandade em primeiro plano. Uma questão fundamental para o nosso tempo. Ou talvez, para todos os tempos.

Todo o Pontificado de Francisco está centrado na irmandade. “Irmãos” foi precisamente a primeira palavra que dirigiu ao mundo como Papa na noite de 13 de março de 2013. A dimensão da fraternidade está, se assim se pode dizer, no Adn deste Pontífice que escolheu o nome do Pobrezinho de Assis, um homem que queria como único título “Irei”, *frater*, precisamente irmão. Fraternal é também a forma como ele define a sua relação com o Papa emérito Bento XVI. Após a assinatura do Documento sobre a Fraternidade Humana, este aspeto do Pontificado parece certamente mais marcado e evidente para todos. No entanto, percorrendo os primeiros sete anos do Pontificado de Francisco, encontramos vários marcos no caminho que levou à assinatura, juntamente com o Grão Imame de Al Azhar, do documento histórico em Abu Dhabi a 4 de fevereiro de 2019. Um caminho que agora continua, porque esse acontecimento em solo árabe foi um ponto de chegada, certamente, mas também de um novo começo.

Voltando, à “pergunta de Lampedusa”, é particularmente significativo que o Papa retome as mesmas palavras noutra visita fortemente simbólica, a que ele fez ao sacrário militar de Redipuglia no centenário do início da Primeira Guerra Mundial. Também aqui, em setembro de 2014, o diálogo entre Deus e Caim, após o assassinato do seu irmão Abel, ressoará com toda a sua dramaticidade. «Não sei dele. Sou, porventura, guarda do meu irmão?» (*Gn 4, 9*). Para Francisco, nessa recusa de se sentir o guarda do seu irmão, de cada irmão, está a raiz de todos os males que abalam a humanidade. Esta atitude, salienta o Papa, «é exatamente o contrário do que Jesus nos pede no Evangelho», «quem cuida do seu irmão entra na alegria do Senhor; quem não cuida, quem com as suas omissões diz: “não sei dele”, é excluído dela». Com o passar do Pontificado, vemos que a pertença comum à fraternidade humana é declinada em todo o seu dinamismo multiforme, desde o âmbito ecuménico ao inter-religioso, da dimensão social à política. Mais uma vez o poliedro é a figura que melhor representa o pensamento e a ação de Francisco. A fraternidade, de facto, tem muitas facetas. Tantas quantas são os homens e as relações entre eles.

Francisco fala de irmãos no encontro de oração e paz nos Jardins do Vaticano com Shimon Peres e Abu Mazen. «A vossa presença», sublinha, dirigindo-se ao líder israelense e ao palestino, «é um grande sinal de fraternidade, que realizais como filhos de Abraão, e uma expressão concreta de confiança em Deus, Senhor da história, que hoje olha para nós como irmãos uns dos outros e deseja conduzir-nos no seu caminho». Em nome da fraternidade, animada por uma fé comum em Cristo, realiza-se também o encontro, imprescindível até há alguns anos, do Bispo de Roma com o Patriarca de Moscovo, acontecimento abençoado pelo Patriarca de Constantinopla, Irmão Bartolomeu I. Em Cuba, Francisco e Kirill assinam um documento comum que, nas suas palavras de abertura, enfatiza: «Com alegria encontramos-nos como irmãos na fé cristã que se reúnem para “falar pessoalmente”». A



«Caim e Abel» (Escola Emiliana, séc. XVI)

fraternidade é também a palavra-chave que nos permite desdramatizar uma das ações mais fortes e surpreendentes do Pontificado: o gesto de se ajoelhar e beijar os pés dos líderes do Sudão do Sul convocados no Vaticano para um retiro espiritual e de paz. «A vós três, que assinastes o Acordo de Paz – diz o Papa com palavras sinceras – peço-vos, como irmão, que permaneçais na paz. Peço-vos do fundo do coração. Vamos em frente».

Portanto, se o Documento de Abu Dhabi foi como o desabrochar de sementes lançadas no início e depois durante todo o Pontificado, certamente a “mudança de época” que estamos a viver, acelerada pela pandemia, torna imperativo assumir a responsabilidade pela questão da fraternidade humana. «Onde está o teu irmão?». Esta pergunta-apelo, feita na manhã ensolarada de 8 de julho de 2013 em Lampedusa, é hoje “a” pergunta. O mundo, convencido de que pode cuidar de si sozinho, de que pode avançar na lógica egoísta do “sempre foi assim” em vez disso viu-se no chão, inerte e impotente face a um inimigo invisível e esquivo. E agora tem dificuldade de se reerguer porque não encontra a base justa para se sustentar. Esta base, repete-nos Francisco, é a fraternidade. Ela é o único fundamento sobre o qual se pode

construir uma casa sólida para a humanidade.

O coronavírus mostrou dramaticamente que por mais diferentes que sejam os níveis de desenvolvimento entre nações e os rendimentos dentro das nações, somos todos vulneráveis. Somos irmãos no mesmo barco, agitados pelas ondas de uma tempestade que atinge todos e cada um indiscriminadamente. «Com a tempestade – diz o Papa debaixo de chuva a 27 de março na Praça de São Pedro vazia – caiu o truque dos estereótipos com que disfarçávamos os nossos “egos” sempre preocupados com a nossa própria imagem, e mais uma vez foi descoberta a (abençoada) pertença comum que não podemos evitar: a pertença como irmãos». É isto que pode despertar as nossas consciências anestesiadas face às muitas “pandemias”, como a guerra e a fome, que bateram à nossa porta, mas com as quais não nos preocupámos porque não conseguiram entrar em casa. «Há muitas outras pandemias que fazem morrer pessoas – recordou Francisco na missa em Santa Marta a 14 de maio – e nós não nos apercebemos, olhamos para o outro lado. Hoje, tal como há sete anos em Lampedusa, o Papa diz-nos que não devemos olhar para o outro lado, porque se realmente nos sentirmos irmãos, membros uns dos outros, o outro lado não existe. O outro lado somos nós».

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS
Unicuique suum. Non praevalent

Cidade do Vaticano
redazione.portoghese.or@spc.va
www.osservatoreromano.va

ANDREA MONDA
diretor

Giuseppe Fiorentino
vice-diretor

Redação
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +39069899420
fax +39069883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE
L'OSSERVATORE ROMANO

Serviço fotográfico
telefone +39069884797
fax +39069884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: € 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +39069899480; fax +39069885164; e-mail: assinaturas.or@spc.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuario, televidens: 0800-160004, fax: 0052123042036, e-mail: sac@editorasantuario.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A. System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@redirezionsystem@ilsol24ore.com

No sétimo aniversário da visita o Papa recordou as experiências dos migrantes com os quais se encontrou

Em fuga do inferno dos campos de detenção

“Solacium migrantium”, “conforto dos migrantes”: é uma das novas invocações a Maria, acrescentadas pelo Papa às ladainhas lauretanas. Foi precisamente com este título que Francisco pediu ajuda à Virgem, para que ela proteja os refugiados e as pessoas deslocadas. Fê-lo durante a missa celebrada na capela da Casa Santa Marta, no Vaticano, na manhã de 8 de julho, sete anos após a sua visita a Lampedusa. Com o Papa concelebraram os dois subsecretários do departamento para os migrantes e os refugiados do Dicastério para o serviço do desenvolvimento humano integral, cardeal Michael Czerny e padre Fabio Baggio, e o oficial, padre Lambert Tonamou. Na oração dos fiéis elevaram-se intenções pela Igreja, para que continue a pregar o Evangelho com humildade e pobreza; por aqueles que o Senhor chamou a segui-lo; pelas famílias divididas e conflituosas; por quantos já não exercem o ministério sacerdotal; pelos participantes na mesa eucarística. A seguir, o texto da homilia pronunciada pelo Pontífice.

Hoje o Salmo responsorial convida-nos a uma busca constante do rosto do Senhor: «Procurai continuamente a face do Senhor. Recorrei ao Senhor e ao seu poder, procurai continuamente a sua face» (Sl 104). Esta busca constitui uma atitude fundamental na vida do fiel, que compreendeu que a finalidade última da sua existência é o encontro com Deus.

A busca do rosto de Deus é garantia do bom êxito da nossa viagem através deste mundo, que é um exodo para a verdadeira Terra Prometida, a Pátria celestial. A face de Deus é a nossa meta, e é também a nossa estrela polar, que não nos permite perder o caminho.

Naquela época o povo de Israel, descrito pelo profeta Oseias na primeira Leitura (cf. 10, 1-3.7-8.12), era um povo extraviado, que tinha perdido de vista a Terra Prometida e vagueava no deserto da iniquidade. A prosperidade e a riqueza abundante tinham afastado do Senhor o coração dos israelitas, enchendo-o de falsidade e injustiça.

Trata-se de um pecado ao qual nem sequer nós, cristãos de hoje, estamos imunes. «A cultura do bem-estar, que nos leva a pensar em nós mesmos, torna-nos insensíveis aos gritos dos outros, faz-nos viver como se estivéssemos em bolhas de sabão: elas são bonitas mas não são nada, são ilusão, ilusão do fútil, do provisório, que leva à indiferença a respeito dos outros; antes, leva à globa-

lização da indiferença» (Homilia em Lampedusa, 8 de julho de 2013).

O apelo de Oseias chega-nos hoje como um renovado convite à conversão, para dirigir o nosso olhar ao Senhor, a fim de vislumbrar a sua face. O profeta diz: «Semeai na justiça, e colhereis bondade em proporção. Lavrai novas terras! É tempo de buscar o Senhor, até que Ele venha espalhar a justiça sobre vós» (10, 12).

A busca da face de Deus é motivada por um anseio de encontro com o Senhor, encontro pessoal, um encontro com o seu amor imenso, com o seu poder que salva. Os doze Apóstolos, dos quais nos fala o Evangelho de hoje (cf. Mt 10, 1-7), tiveram a graça de o encontrar fisicamente em Jesus Cristo, Filho de Deus encarnado. Ele chamou-os pelo nome, um por um – ouvimo-lo – fitando-os nos olhos; e eles olharam para o seu rosto, ouviram a sua voz, viram os seus prodígios. O encontro pessoal com o Senhor, tempo de graça e de salvação, comporta a missão: «Por onde andardes – Jesus exorta-os – anunciarei que o Reino dos Céus está próximo» (v. 7). Encontro e missão não se separam.

Este encontro pessoal com Jesus Cristo é possível também para nós, que somos os discípulos do terceiro milénio. Orientados em busca da face do Senhor, podemos reconhecê-lo no semblante dos pobres, dos doentes, dos abandonados e dos estrangeiros que Deus colocar no nosso caminho. E este encontro torna-se também para nós um tempo de gra-



Durante a visita a Lampedusa há sete anos

ça e de salvação, investindo-nos com a mesma missão confiada aos Apóstolos.

Hoje celebra-se o sétimo ano, o sétimo aniversário da minha visita a Lampedusa. À luz da Palavra de Deus, gostaria de reiterar o que disse aos participantes no encontro “Livres do medo”, em fevereiro do ano passado: «O encontro com o outro é também encontro com Cristo. Foi Ele mesmo quem no-lo disse. É Ele quem bate à nossa porta faminto, sedento, estrangeiro, nu, doente, prisioneiro, pedindo para ser encontrado e assistido, pedindo para poder desembarcar. E se ainda tivéssemos alguma dúvida, eis a sua palavra clara: “Em verdade vos digo, todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes” (Mt 25, 40)».

«Todas as vezes que fizestes isto...», no bem e no mal! Hoje esta

admoestação é de candente atualidade. Todos deveríamos usá-la como ponto fundamental no nosso exame de consciência, aquele que fazemos todos os dias. Penso na Líbia, nos campos de detenção, nos abusos e nas violências de que são vítimas os migrantes, nas viagens da esperança, nos salvamentos e nas rejeições. «Todas as vezes que fizestes isto... foi a mim mesmo que o fizestes».

Lembro-me daquele dia, há sete anos, exatamente no sul da Europa, naquela ilha... Algumas pessoas contaram-me as suas histórias, como tinham sofrido para lá chegar. E havia intérpretes. Um deles contou coisas terríveis na própria língua, e o intérprete parecia traduzir bem, mas falava muito e a tradução era curta. “Bem – pensei – vê-se que nesta língua há mais rodeios de palavras para se expressar”. Quando voltei para casa, à tarde, na entrada havia uma senhora – que a paz esteja com a sua alma, ela já se foi – que era filha de etíopes. Compreendia a língua e tinha assistido ao encontro pela televisão. E disse-me o seguinte: “Ouça, aquilo que o tradutor etíope lhe disse não é sequer a quarta parte das torturas, dos sofrimentos que eles padeceram”. Deram-me a versão “destilada”. É o que acontece hoje com a Líbia: passam-nos uma versão “destilada”. Sim, a guerra é horrível, sabemos-lo, mas não podeis imaginar o inferno que se vive lá, naqueles lugares de detenção. E aquelas pessoas vinham apenas com a esperança de atravessar o mar.

Que a Virgem Maria, *Solacium migrantium*, nos ajude a descobrir o rosto do seu Filho em todos os irmãos e irmãs obrigados a fugir da própria terra por causa de tantas injustiças que ainda afligem o nosso mundo!



Conversa com o prémio Nobel da paz Muhammad Yunus, idealizador do microcrédito

Projeto de um novo mundo

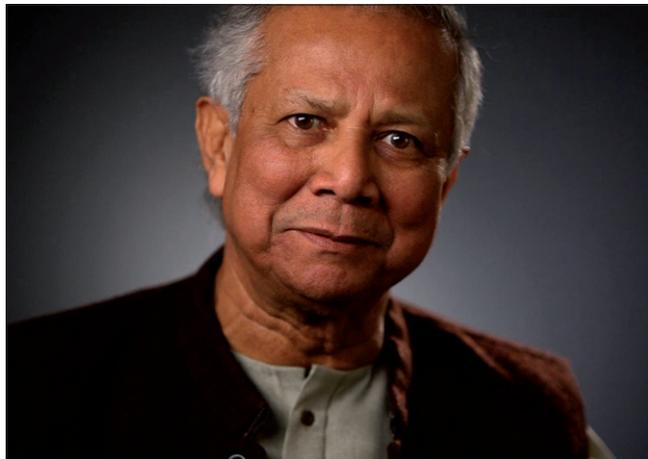
A vacina contra a Covid-19 deve ser declarada “bem comum global”

ANDREA MONDA

«Quando soubermos para onde ir, chegar lá será muito mais simples». Muhammad Yunus, economista, prémio Nobel da Paz de 2006 e idealizador do microcrédito moderno, tem ideias bastante claras sobre o que fazer num mundo potencialmente alterado pela pandemia. Entretanto, proteger todos, o mundo inteiro, contra o vírus, graças a uma vacina que seja declarada “bem comum global”. Depois, simplesmente, projetar um mundo muito diferente.

O senhor salientou, em sintonia com o Papa, que após a crise da Covid-19 será necessário encontrar um novo modelo. Não podemos voltar atrás; nada será como antes. Na sua opinião, de que forma pode ser compreendida esta mensagem por quem está no poder?

Estou muito satisfeito por ver que o Papa Francisco pensa exatamente como eu. Voltar ao velho mundo seria um ato louco, porque o mundo de onde viemos é muito inóspito, aterrador, um mundo que se mata com o aquecimento global, a concentração da riqueza, a inteligência artificial que estava a privar os seres humanos do trabalho. Nessa altura, tudo convergia e só restavam alguns anos antes do colapso do mundo inteiro. Do ponto de vista do aquecimento global, restava muito pouco tempo até que o mundo se tornasse invivível. O mesmo se apli-



queremos ir a fim de encontrar certeza e segurança. Não queremos certamente voltar atrás: esta é a questão. Não voltar atrás significa que temos a oportunidade de ir para outro lugar.

É o que o senhor diz. Mas se as pessoas que estão nos altos escalões e aqueles que tomam as decisões não o aceitarem?

Bem, se as pessoas quiserem ir para outro lugar, aqueles que decidem não têm muita escolha. No final são as pessoas que decidem para onde ir.

uma mensagem torna-se imediatamente poderosa. As pessoas respeitam o seu pensamento a nível global, independentemente da própria afiliação religiosa. Recordemos o impacto que as suas opiniões tiveram nas negociações de Paris para se chegar a um consenso sobre a crise ambiental global. O seu apelo ao mundo ajudou a chegar ao Acordo de Paris. O Papa Francisco pode desempenhar um papel muito importante neste momento. Peça-lhe que desempenhe este papel com firmeza.

Numa recente palestra na Pontifícia Universidade Lateranense o senhor salientou que a retomada após a Covid-19 está cheia de oportunidades, mas apenas se passar por uma nova consciência social e ambiental, uma utilização da economia não como uma mera ciência para maximizar os lucros, mas como um instrumento para alcançar a felicidade dos indivíduos e da comunidade. Como podemos concretizar este objetivo?

Explicando às pessoas o que é este objetivo. O que estava errado, porque não devemos voltar atrás. As pessoas conhecem os perigos do velho mundo, mas não estão conscientes das oportunidades criadas pela crise do coronavírus para evitar esses perigos. Não creio que a economia praticada no mundo de hoje mereça ser definida ciência social. De social não tem nada. A sua única preocupação é a maximização do lucro pessoal. Não se preocupa com o interesse comum do povo. Preocupa-se apenas em como aumentar a riqueza das nações sem se perguntar quantas, ou quão poucas, pessoas recebem essa riqueza. Nem sequer está preocupada com a segurança do planeta. No máximo, podemos chamar a economia uma ciência dos negócios, não uma ciência social. A ciência social deve abordar os problemas da sociedade, o que é bom para as pessoas, o que é bom para o planeta, e deve apresentar ideias que melhorem a vida das pessoas e torne o planeta mais seguro. Para a consecução de um novo mundo, devemos redesenhar a economia e dar-lhe

uma orientação social. Deve ser uma economia guiada pela consciência social e ambiental. A economia atual nunca reconheceu o interesse coletivo. Baseia-se apenas no próprio interesse. Se incluímos o interesse coletivo na economia, ela torna-se imediatamente diferente. Precisamos de dois tipos diversos de economia, um para maximizar o lucro e outro para resolver os problemas comuns das pessoas, sem lucro pessoal. A mesma pessoa pode fazer as duas coisas. Não precisamos de duas pessoas diferentes para o fazer. Num tipo de economia uma pessoa cuida de si própria e no outro cuida dos demais e do planeta. Defino este novo tipo a economia social. Esta é a economia que se compromete a resolver os problemas das pessoas e do planeta sem qualquer intenção de lucro pessoal. Esta nova economia será a base para a construção do novo mundo.

O senhor lançou uma iniciativa por uma vacina que seja gratuita e acessível a todos. Como pensa que é possível afastar a pesquisa médica, especialmente em situações como esta, da lógica do lucro?

Deveríamos aprofundar mais a questão. Não é correto dizer que as empresas estão a gastar dinheiro para desenvolver a vacina. Na maioria dos casos são as universidades que contribuem com os seus conhecimentos e criatividade e os governos que pagam grandes somas de dinheiro para a pesquisa, especialmente a de vacinas. Por que deveriam as universidades renunciar ao seu direito? Por que deveria o governo renunciar ao seu direito? Não estou a negar às empresas um retorno justo dos seus investimentos. Podemos discutir a dimensão do investimento e qual deve ser o lucro justo. As empresas podem ser pagas para fazer da vacina um bem comum global. Mas a propriedade deve pertencer ao povo, não a uma empresa. Deve ser um bem *open source*, de modo a poder ser produzida em qualquer lugar, por qualquer pessoa, respeitando todos os requisitos regulamentares. Se quisermos torná-la acessível a pessoas de todo o mundo ao mesmo tempo, ela deve ser produzida em todo o mundo. Não apenas num ou dois lugares, como vemos que está a ser feito agora. Uma empresa já declarou que as primeiras vacinas produzidas serão entregues aos Estados Unidos, outra que as primeiras irão para a Europa. E quanto ao resto do mundo? Se não se der a vacina ao resto do mundo, haverá outro problema. Será criada imediatamente uma nova mega-atividade de produção e venda de vacinas falsas. Levará tempo para que a verdadeira vacina chegue a bilhões de pessoas, e a dificuldade de acesso a ela conduzirá a esta situação. As pessoas nos países pobres serão vítimas deste comércio, uma vez que não podem competir com os principais fornecedores no mercado das vacinas genuínas. Antes



Iniciativa de microcrédito na Índia

ca à concentração da riqueza, que é uma bomba-relógio despoletada que pode explodir política e socialmente, com raiva, e também à inteligência artificial, por causa da qual não haverá mais trabalho nem emprego para as pessoas. Não é o tipo de mundo ao qual gostaríamos de voltar. Esta é a questão. E o coronavírus fez-nos um grande favor, apesar de ter criado uma situação terrível para o planeta, porque parou a máquina na sua corrida para a morte. Portanto, hoje, pelo menos, não estamos a correr para lado nenhum. O comboio parou. Podemos apenas olhar à nossa volta, podemos sair do comboio que nos levava até um determinado destino e decidir para onde

É a democracia. Se a opinião pública se tornar forte, não creio que isto possa ser ignorado. Procuo encorajar os jovens a olhar para a situação e depois tomar uma decisão. São os adolescentes que marcham pelas ruas atrás das bandeiras de “Fridays for Future”. Eles dizem ao mundo que estamos no caminho errado. Acusam os seus pais de serem irresponsáveis e de os empurrarem para um mundo onde não têm futuro. Digo-lhes: esta é a vossa oportunidade. Podeis construir o mundo que quiserdes. Por isso, uni-vos e fazei-o. Trata-se de vencer as pessoas em geral e os jovens em particular. É uma questão de comunicação. Se o Papa Francisco assumir a liderança,

Num livro, a figura de Francisco como líder moral mundial

Para sair do túnel do ódio e do medo

MAURIZIO FONTANA

«Procurei contar Francisco com as ideias e emoções daqueles que, como eu, veem nele não só o bispo de Roma mas também o líder moral global». Começa assim a história do jornalista vaticanista Riccardo Cristiano sobre como nasceu a ideia de escrever *Bergoglio o barbarie* (Roma, Castelvecchi editore, 224 páginas). «Dado que – explica nesta entrevista a “L’Osservatore Romano” – estou convencido de que o outro ou se aceita ou se rejeita, entendi cada vez mais este pontificado como um bastião do pluralismo face a tentativas robustas e perturbadoras de negar o outro, até mesmo de o criminalizar. E no primeiro dia do ano, quando Francisco quis apresentar os bons-votos também aos não-crentes, chamando-os “nossos irmãos”, eu, que sou apenas um agnóstico, comovime. Mas naquele momento senti como mais força que devia chegar também a algumas conclusões. Francisco sabe como testemunhar que o Papa pode trabalhar não só para o bem da Igreja, mas de toda a humanidade. E quanto a nós? Quem me dera que não fosse assim, mas hoje parece que existe apenas o seu testemunho para nos ajudar a sair deste túnel de ódio e medo. É isso que “Bergoglio o barbarie” significa para mim. Então estou à procura de “re-verberações”: podemos reconhecer

os nossos integralismos, ou existem apenas os dos outros?».

Por exemplo?

Pasolini defendeu que o compromisso com os direitos civis foi o contraste a um bloco de poder. Depois o poder mudou, tornou-se consumista. Deveria mudar também a contestação. Penso que ele tinha razão. E a Declaração dos Direitos do Homem de 1789 foi escrita “sob os auspícios do Ser Supremo”, sem mencionar o eu soberano.

Qual é “o movimento Bergoglio” de que fala no livro?

Francisco definiu o trabalho com refugiados como um lugar teológico. Isto é empatia, e essas pessoas não precisam de conhecer o magistério romano com precisão para expressar tanta empatia.

O primeiro capítulo é dedicado à pandemia. Porquê?

Para mim, no dia 27 de março, houve a primeira encíclica-vídeo dirigida a todo o género humano: entrando na Praça de São Pedro não da basílica, mas do fundo, Francisco acolheu-nos a todos para nos fazer saber que estávamos juntos no mesmo barco. Caminhar debaixo de chuva sem sequer a proteção de um guarda-chuva indicava que ninguém estava excluído. Assim, a *Laudato si'*, o Documento sobre a Fraternidade



Um momento do encontro com os povos da Amazônia durante a viagem apostólica ao Peru (Puerto Maldonado, 19 de janeiro de 2018)

Humana e o Sínodo sobre a Amazônia naquela noite tornaram-se uma única tábua de salvação na qual fundar o pluralismo do terceiro milénio. Pois defender o ecossistema significa salvar as diferentes culturas que nele vivem, a dos filhos do rio, do Rio Amazonas, ou a dos filhos do deserto, como o Saara, ou dos trabalhadores do mar que ensinam a socorrer, nunca a abandonar. A 27 de

março, o Papa falou do meu destino: posso salvar-me com o outro, não contra ele. É perigoso eliminar os erros que nos conduziam até agora, fazendo do outro o bode expiatório. A globalização desculturada e os nacionalismos que pensam nacionalizar, até Deus, são dois aspetos da mesma doença, o abandono do pluralismo.

Uma grande parte deste livro é dedicada aos cristãos do Oriente.

Sim, mas não gosto do termo cristãos do Oriente: prefiro falar de coptas, arménios, sírios, caldeus, maronitas, assírios. São nomes que foram apagados da narrativa imposta pela questão oriental, ou seja, pelo projeto de colonização europeia do mundo árabe, que fez parecer os cristãos árabes como a quinta coluna dos colonizadores. Contudo, ainda no século XIX eram os protagonistas indiscutíveis do Renascimento Árabe. Como voltarão a ser protagonistas? Vejo apenas uma possibilidade; a cidadania comum. Mas não se começa realmente sem renunciar à desconfiança: os cristãos não são a quinta coluna e o Islão não nasce perseguidor, demonstra isto a Constituição de Medina. Poderá o Islão redescobrir a sua natureza, como diz o Professor Mohammad Sammak, «de religião que crê em todas as religiões»? Abu Dhabi disse um sim epocal, esperado durante séculos. Porque ambos os signatários negaram a existência de uma falsa crença e portanto, uma falsa humanidade. Não faltam dificuldades, mas o que se construíria com desconfiança? As gaiolas para outras proteções. Em vez disso Abu Dhabi redescobre a teologia da boa vizinhança, que não é apenas sobre o cristianismo e o islamismo. Sim, Abu Dhabi é um marco histórico, o resto depende de nós. Quando em Beirute dois missionários com um erudito do Islão traduziram a Bíblia em árabe, realizaram o único facto histórico comparável com o Documento sobre a Fraternidade Humana.

Conversa com o prémio Nobel Muhammad Yunus

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 4

que surja uma tal situação, o mundo deve declarar a vacina como um bem comum global. Ontem, fiz um apelo aos líderes mundiais, que também foi assinado por muitas pessoas importantes de todo o mundo. Repito este apelo aqui, a fim de pressionar os governos a fazer esta declaração o mais rapidamente possível: tornai a vacina para a Covid-19 um bem comum global. Peço ao Papa Francisco que apoie esta iniciativa com a sua poderosa voz.

Como disse o Papa, a pandemia não é apenas uma tragédia planetária, representa uma oportunidade para desenvolver um futuro diferente. Como imagina este futuro ou como vê o novo equilíbrio mundial?

Concordo plenamente com o que o Papa disse. Ele fez uma afirmação clara: não devemos voltar atrás. O Papa Francisco deve continuar a repeti-lo muito corajosamente para que todos o ouçam e as pessoas possam refletir e pôr em prática. Ele é agora a voz moral de todo o mundo. Por isso é muito importante que ele continue a insistir no assunto. Sim, é possível mudar este mundo. Os homens podem fazer o que quiserem. É a força da sua vontade que o tornará possível. Quando decidirmos não voltar atrás, de-

se desenvolver políticas, instituições e estruturas para garantir que seguimos a direção justa e chegaremos lá rapidamente. Temos de pedir aos governos que canalizem os seus fundos de salvamento para o apoio a iniciativas destinadas a não voltar atrás em vez de acelerar o processo oposto. Os recursos não são um problema: alguns já foram mobilizados para fins errados. O compromisso é de os destinar à causa justa. Precisamos de um novo mundo construído por nós. Que tipo de mundo deve ser? É claro que deve ser um mundo muito diferente daquele do qual provimos. Não haverá aquecimento global no novo mundo. O Papa Francisco já falou sobre isto. Agora devemos torná-lo realidade. Não é simplesmente uma declaração feita pelo Papa: devemos todos unir-nos e traduzi-la em realidade. O novo mundo será um mundo com zero emissões líquidas de carbono. Será um mundo com uma concentração zero de riqueza. Será um mundo onde partilharemos a riqueza em vez de a monopolizarmos como fazemos hoje. Será um mundo com desemprego zero. O novo mundo será quase o oposto do mundo atual. Quando soubermos para onde ir, chegar lá será muito mais simples. Passar para o mundo novo, significa que devemos verificar quais são as atividades que causam o aquecimento global, a

concentração da riqueza ou o desemprego. Devemos criar postos de controlo para evitar que as atividades erradas entrem neste novo mundo. Não podemos levar a economia dos combustíveis fósseis para o novo mundo. Devemos dizer: adotai energia renovável se quiserdes permanecer no setor energético. Se é uma empresa que produz poluição, digamos-lhe que adote atividades que criem uma economia circular.

Acha que isso pode acontecer?

Se nos decidirmos, pode acontecer. É uma questão de decidir. Estamos a enfrentar o maior desafio existencial. No momento em que a crise chegou ao seu auge, devemos propor as soluções mais ousadas.

Considera que a espiritualidade é importante para esta mudança, a força para provocar esta mudança?

Sim, é muito importante. O coronavírus mudou tudo, criando uma situação em que não nos podemos encontrar fisicamente. Somos forçados a permanecer fechados dentro das nossas casas e o distanciamento social tornou-se parte das nossas vidas. Sendo privados de proximidade física, isto torna-se uma boa oportunidade para alcançar a unidade espiritual.



Homenagem ao compositor italiano Ennio Morricone

Não só cinema

Também “música absoluta” além das memoráveis bandas sonoras

MARCELLO FILOTEI

Petrassi disse-lhe: «És bom, mas tem cuidado. Acabas por ganhar muito, por entrar no mecanismo comercial e por descuidar a tua vocação mais profunda». Foi mais ou menos isto que aconteceu. Ennio Morricone era

muito bom, escreveu bandas sonoras únicas, provavelmente insuperáveis, e tornou-se rico. Não descuidou a parte mais íntima dos seus sentimentos, mas certamente dedicou-lhe menos tempo do que teria desejado.

Do sofá da sua casa («não enquadres a janela, caso contrário virão todos aqui à frente») não se viam os Oscars. Além disso, deram-lhos demasiado tarde. O primeiro «pela carreira» em 2007, provavelmente porque após cinco nomeações não premiadas quem faria a má figura seriam aqueles da Academia, não ele.

Naquele caso, quem se deu ao trabalho de lho entregar foi Clint Eastwood, ícone dos filmes de cowboys realizados pelo colega de escola primária de Ennio, Sergio Leone. Um pouco devia-lho, pois precisamente graças aos primeiros planos de Leone, acompanhados por melodias simples, confiadas a timbres absolutamente inéditos para o cinema, o ator americano com duas expressões («uma com o charuto e a outra sem», cit.) tornara-se um fenómeno mundial.

Naquele período, tratava-se de economizar. Algo a que os músicos estão habituados. Pouco dinheiro, ainda menos instrumentos: «Inventa algo que funcione». Morricone sabia como fazê-lo, pois aprendera de Goffredo Petrassi, que era um mestre da economia de material, e que se fosse francês teria uma estátua de bronze debaixo da Torre Eiffel. É possível trabalhar com uma harmonia, assim Ennio escreveu uma obra-prima. Noutra ocasião foi-lhe suficiente um apito, mas afinado. Nalguns casos recorreu a procedimentos utilizados na música eletrónica, graças aos quais com poucas fitas sobrepostas é possível realizar um efeito que se torna gradualmente mais complexo. Por exemplo, no desafio a três

de *Il buono, il brutto, il cattivo*, alguns elementos bem definidos repetem-se continuamente a distâncias diferentes, criando um grande suspense, uma sensação de expectativa que tira o fôlego. Tudo isto é técnica. Mas quando chega a trombeta, é talento puro.

Depois, com o sucesso, também os meios se tornaram ilimitados, mas permaneceu aquele gosto pela melodia esculpida, isolada, económica e ao mesmo tempo forte. A trombeta quase nunca falta e quando menos se espera, chega uma voz que nem sequer tem necessidade de cantar um texto, é suficiente o timbre. É desse período a seguinte estatueta, atribuída em 2016, por *The Hatful Eight*, realizado por Quentin Tarantino. Quem sabe como raciocinar na Academia, *Mission* e *The Untouchables* — *Os Intocáveis* não, e este sim. Os melhores nem sequer conseguiram obter a nomeação.

De qualquer modo, em casa os Oscars não estavam à vista. Importava-se, obviamente, mas parecia estar mais apegado aos cartazes do grupo de improvisação de “Nuova Consonanza”, no qual tocava a trombeta nos anos sessenta. Música experimental, que hoje em dia ressurge frequentemente em cenários de dj. Estavam pendurados no salão, sobretudo porque era ele que os queria ver.

Morricone foi um dos mais importantes compositores de bandas sonoras da história do cinema, porque era um músico completo, que sabia escrever em qualquer linguagem e procurava uma pessoal, em todos os âmbitos. Tinha estudado com um dos maiores mestres do século XX, e conhecia bem tudo ao seu redor. Foi um dos primeiros sócios de “Nuova Consonanza”, uma das associações musicais contemporâneas mais longevas da Europa. E ele nunca se cansava de repetir que

a sua produção não se limitava às bandas sonoras. Recentemente, sobrecarregado de pedidos, como sempre, tinha tomado uma decisão clara: «Já não escrevo para o cinema», «Fins a certeza?» «Exceto para Tomatoes».

Dedicaram-lhe um asteróide, ganhou todos os prémios do mundo, estrelas do pop deram o seu nome aos próprios filhos, foi-lhe intitulado um Auditório enquanto ainda era ativo («não dará azar?») e viu os três campeonatos de Roma. Fizeram o suficiente. Finalmente tinha chegado o momento de se dedicar de modo completo à sua paixão insana: a “música absoluta”. Cumpria esta definição para indicar a parte de produção que funcionava sozinha, sem imagens. Estava a compor uma missa e tinha acabado de escrever um concerto para dois pianos.

Na realidade, não era uma novidade. Ennio acompanhou sempre a sua atividade de compositor aplicada à imagem, com uma produção “absoluta”, mas foram poucas as pessoas que lhe pediram. Em 2010, a “Fondazione Opera Campana dei Caduti di Rovereto” comissionou-me uma peça sobre um texto obrigatório, versículos sobre a paz do Antigo Testamento, do Evangelho e do Alcorão. A ocasião era imperdível: a Orquestra Sinfónica Nacional da Rai, com Daniel Kawka no pódio. «Não dispomos de uma quantia para te oferecer, comparável às que estás habituado a receber». «Faço-o de graça». Podia dar-se ao luxo, certamente, e estava interessado. Compôs *Jerusalém*. Cinco mil pessoas seguiram silenciosamente o concerto ao ar livre. Mil sentadas nos degraus do anfiteatro da Fundação, as outras no relvado. Funcionava. Estavam presentes também Brahms e Schubert, mas também tinham vindo para ele. Pela sua “música absoluta”.

Ouvir e ler em tempos de coronavírus

David Bowie e o sentido do domingo

MASSIMO GRANIERI

Durante o bloqueio devido ao coronavírus recebi um e-mail no qual uma estudante me escreveu sobre o isolamento pandémico a que foi forçada, sentido como “privação da felicidade”. Preencheu aquele vazio de sentido com a leitura de *A Peste*, de Albert Camus, e ouviu algumas canções sobre a quarentena. Na carta, relata o que a realidade lhe colocou à frente, isto é, rever as razões pelas quais vive. «As minhas convicções são sólidas, fundadas na verdade, ou ilusórias?», pergunta-se a jovem. «Questiono-me se Deus faz parte dos meus desejos, se alguma vez o notei e por que só agora penso n’Ele», escreve. Esboça um pensamento sobre a religião e o ambiente ao seu redor. A música é uma base em que se apoiam ansiedades e medos, canções que lhe dizem que «tudo o que te enraivece não é nada», citando Ivano Fossati em *Ma che sarà questa canzone*.

No longo elenco de discos ouvidos há aquele sábado leopardiniano

«Por favor Deus não despedaces este mundo
Por favor, retoma este medo
que nos atormenta
Peço um futuro melhor
ou eu poderia deixar de te amar»

que desiludirá as expectativas. Tive a impressão de entrever o tédio dos domingos todos iguais, durante o bloqueio em casa. A moça ouve repetidamente Amy Winehouse e Bob Marley, e lê poesias de Jim Morrison. Há a tristeza dominical de *Blue Sunday* dos Doors, a agitação de *Sunday Morning* dos Velvet Underground e depois ainda o isolamento nos *Señic Youth*, a marginalização em John Lennon e o surrealismo religioso de Kayne West. Uma mistura de sentimentos contrastantes que a perturbam.

Tento compreender aquele ponto de vista e procurar um ponto de contacto nos seus livros e discos. O romance de Camus narra a desencarnação dos relacionamentos sociais, a ténue memória de um rosto amado que desgasta os personagens numa cidade fechada e curvada pela peste (hoje escreveríamos de áreas vermelhas). Protagonistas que cumprem o seu dever, forçados a praticar o bem sem heroísmos. É a alienação presente em David Bowie; vem-me à mente a sua discografia enquanto procuro decifrar aqueles textos indicados no e-mail.

Sinto uma dor semelhante à da jovem estudante, também eu perdi o gosto da festa. Em tempos de pan-

demia, a santa Missa celebrada sem o povo fez-me saborear um pão de vida diferente, uma experiência difícil de esquecer. Um pároco obrigado a manter-se fisicamente distante dos fiéis é uma contradição. No entanto, procurei não evitar uma realidade desconhecida e ver uma presença naquele deserto de relações.

A música de David Bowie tem a tarefa de oferecer uma chave de leitura para o tempo presente e indicar um horizonte de esperança à estudante. Em Bowie sempre encontrei uma resposta. As suas canções poderiam reavivar a memória dos domingos vividos em família e na igreja. Com efeito, Bowie escreveu sobre os domingos, um tempo em que tudo se recria e se destrói. No pensamento de Bowie, o domingo é entendido de forma ambivalente. Ele recitou o Pai-Nosso no palco do Wembley Stadium em Londres, no concerto de 1992 em honra ao líder dos Queens, Freddie Mercury. Naquela circunstância, declarou: «Recitar o Pai-Nosso naquele palco pareceu-me um gesto natural. Uma invocação para me reencontrar».

As suas canções têm uma estrutura semelhante à oração clássica e assim — declarou o próprio Bowie — podem ser consideradas. Não é arriscado compará-las com os salmos de lamentação, pois nos textos de Bowie é possível ouvir a súplica doente a Deus. Uma canção acima de todas é *Word On A Wing*, em que canta o encontro com o Senhor e a necessidade de não mudar, diante a Deus. Uma canção presentes no texto de *Julie*, onde há nuvens escuras no céu e um amor não correspondido. O sentido de culpa persegue-o em *Can't Help Thinking About Me*, onde sobressai a nostalgia dos domingos em que se ia à igreja e daquele dia em que cessava todo o mundo.



O célebre concerto no Wembley Stadium de Londres (1992)

todos os modos entrar no teu esquadra».

Em *Sunday* há uma batalha corpo a corpo com Deus. Bowie vai à deriva, em busca de uma luz, e invoca o Senhor no domingo, dia de festa em que se deveria ressurgir em vez de morrer. Não se aceita a necessária passagem da paixão e morte. Aquela morte de desejo que pode ser lida nas entrelinhas da carta da aluno do liceu. O domingo e Deus estão presentes no texto de *Julie*, onde há nuvens escuras no céu e um amor não correspondido. O sentido de culpa persegue-o em *Can't Help Thinking About Me*, onde sobressai a nostalgia dos domingos em que se ia à igreja e daquele dia em que cessava todo o mundo.

De acordo com David Bowie, nascemos ou morremos no dia de domingo. Quem sabe de que modo a estudante e os seus colegas viverão os próximos domingos... saberão eles habitar esta nova realidade, ou tornar-se-ão paranóicos? Terão famílias capazes de os fazer sentir-se amados? Haverá comunidades cristãs capazes de saciar aquela fome de felicidade?

Ajuda-me outra canção de David Bowie, *A Better Future*. Anoto alguns versos na resposta à jovem do liceu. Uma prece dorida de Bowie ao Senhor por um amanhã melhor: «Por favor (Deus), não despedaces este mundo. Por favor, retoma este medo que nos atormenta. Peço um futuro melhor, ou eu poderia deixar de te amar. Por favor, assegura que teremos um amanhã. Toda esta pena e esta dor, pretendo um futuro melhor. Ou eu poderia deixar de precisar de ti». Canção inserida no final da *playlist* e enviada como oração contra o medo que paralisa, com alguns versículos do Salmo 72: «Ele libertará o pobre que o invoca e o miserável desamparado; terá piedade de quantos são frágeis e indigentes, e salvará a vida dos necessitados». Pois tudo se resolverá para o nosso bem.

Dicastério para o Serviço do desenvolvimento humano integral – Comissão do Vaticano Covid-19

Congelar a produção e o comércio de armas

PETER KODWO APPIAH TURKSON

Como todos sabemos, estamos a enfrentar uma das piores crises humanitárias depois da Segunda Guerra Mundial. Enquanto o mundo está a tomar medidas de emergência para lidar com uma pandemia e uma recessão económica globais, ambas agravadas por uma emergência climática global, devemos considerar também as implicações que estas cri-

Na Sala de Imprensa da Santa Sé

Quarenta e oito horas após o novo apelo do Papa Francisco a um cessar-fogo global, o cardeal prefeito do Dicastério para o serviço do desenvolvimento humano integral e dois membros da Comissão do Vaticano Covid-19 reuniram-se com jornalistas a 7 de julho, na Sala de Imprensa da Santa Sé. «Preparar o futuro, construir a paz no tempo da Covid-19» foi o tema dos discursos (que publicamos na íntegra nesta página) do cardeal e da religiosa das Filhas de Maria Auxiliadora, que ensina Economia Política na Pontifícia Faculdade de Ciências da Educação Auxilium e coordena a Task Force para a Economia da mesma Comissão.

ses interligadas têm para a paz. A Comissão do Vaticano Covid-19, em particular através das task forces de segurança e económicas, analisou algumas destas implicações. Permiti que destaque os seguintes pontos.

Enquanto somas sem precedentes são agora atribuídas às despesas militares (incluindo os maiores programas de modernização nuclear), os doentes, os pobres, os marginalizados e as vítimas de conflitos são desproporcionalmente atingidos pela crise atual. Até agora, as crises interligadas (sanitárias, socioeconómicas e ecológicas) estão a alargar o fosso não só entre ricos e pobres, mas também entre áreas de paz, prosperidade e justiça ambiental e áreas de conflito, privação e devastação ecológica.

Não pode haver cura sem paz. A redução de conflitos é a única forma de reduzir a injustiça e a desigualdade. Violência armada, conflito e pobreza estão ligados num ciclo que impede a paz, promove as violações dos direitos humanos e dificulta o desenvolvimento.

Pessoalmente, congratulo-me com a recente aprovação do Conselho de Segurança da Onu de um cessar-fogo global. Não podemos combater a pandemia se estamos a lutar ou a preparar-nos para lutar uns contra os outros. Também me congratulo pela aprovação por parte de 170 países do apelo da Onu a silenciar as armas! Mas uma coisa é chamar ou aprovar uma declaração de cessar-fogo, outra é pô-la em prática. Para tal, temos de congelar a produção e o comércio de armas.

As atuais crises interligadas que mencionei (saúde, socioeconómica e ecológica) demonstram a necessidade urgente de uma globalização da solidariedade que reflita a nossa interdependência global. Nas últimas duas décadas, a estabilidade

e a segurança internacionais deterioraram-se. Parece que a amizade política e a harmonia internacional estão cada vez mais a deixar de ser o bem supremo que as nações desejam e com o qual estão prontas a comprometer-se. Infelizmente, em vez de estarem unidos para o bem comum contra uma ameaça comum que não conhece fronteiras, muitos líderes estão a aumentar as divisões internacionais e internas. Neste sentido, a pandemia, através de mortes e complicações de saúde, recessão económica e conflito, representa a tempestade perfeita! Precisamos de uma liderança global que possa reconstruir laços de unidade enquanto rejeita o bode expiatório, a recriminação mútua, o nacionalismo chauvinista, o isolacionismo e outras formas de egoísmo. Como o Papa Francisco disse em novembro passado em Nagasaki, devemos «interromper o clima de desconfiança» e prevenir «a erosão do multilateralismo». No interesse da construção de uma paz sustentável, devemos promover uma «cultura do encontro» na qual homens e mulheres se descubram membros da mesma família humana, partilhem o mesmo credo. Solidariedade. Confiança. Encontro. Bem comum. Não violência. Acreditamos que estes são os alicerces da segurança humana.

A Igreja apoia fortemente projetos de construção da paz, essenciais para que as comunidades em conflito e pós-conflito respondam à Covid-19. Sem controlo de armas, é impossível garantir a segurança. As respostas à pandemia não são completas.

A pandemia devida à Covid-19, a recessão económica e as alterações climáticas tornam cada vez mais claro que deve ser dada prioridade à



paz positiva sobre os conceitos restritos de segurança nacional. São João XXIII já indicou há mais de cinquenta anos a necessidade desta transformação, redefinindo a paz em termos de reconhecimento, respeito, salvaguarda e promoção dos direitos da pessoa humana (*Pacem in Terris*, 139). Agora, mais do que nunca, chegou o momento de as nações do mundo passarem da segurança nacional, servindo-se de meios militares, para a segurança humana como a principal preocupação da política e das relações internacionais. Agora é o momento para a comunidade internacional e a Igreja desenvolverem planos ousados e imaginativos de ação coletiva proporcionais à escala desta crise. Agora é o momento de construir um mundo que reflita melhor uma abordagem verdadeiramente integral da paz, do desenvolvimento humano e da ecologia.

Mais recursos para assegurar a alimentação, a saúde e o trabalho

ALESSANDRA SMERILLI

A pandemia, que é um mal comum, trouxe à tona, de uma forma experimental, a importância do bem comum. Como o Papa Francisco nos recordou, ninguém o pode fazer sozinho. Um mal comum e global só pode ser combatido se compreendermos que estamos todos interligados: humanidade com um destino comum. Dela livra-nos apenas com o empenho de todos.

A pandemia revelou as nossas fragilidades, a começar pelos sistemas de saúde: as dimensões e a gravidade da pandemia puseram em dificuldade até sistemas de saúde bem financiados. Para além de exercer pressão sobre os sistemas de saúde, a pandemia provocou também um aumento dramático dos fornecimentos médicos essenciais. Percebemos que os sistemas de saúde em todo o mundo precisam de mais investimento de qualidade. Precisamos de proteção contra doenças transmissíveis, e precisamos de investir na prevenção: a Covid-19 revelou o subfinanciamento do tratamento de doenças transmissíveis no coração de muitos sistemas de saúde. Neste momento, precisamos de uma vacina.

A pandemia revelou a verdadeira extensão da nossa interligação. Sabemos que a saúde é um bem comum global e que os serviços de prevenção e tratamento também devem ser globais. Em particular, a saúde global deve ser vista como um

bem comum, no sentido de que todos têm direito a ela, mas também uma responsabilidade igual de a promover.

A recessão económica que está a decorrer e continuará em todo o mundo resultará na deslocação de muitos milhões de postos de trabalho. A crise económica e social pode ter dimensões desastrosas. Além disso, a pandemia acelerou a transição tecnológica e digital: em oito semanas fizemos progressos de cinco anos, e isto irá acelerar a perda de empregos.

Existem saídas, mas requerem capacidade de visão, coragem e cooperação internacional. Nenhum Estado o pode fazer sozinho. Investimento em saúde e cuidados, transição ecológica, requalificação dos trabalhadores e ajuda às empresas que inicialmente sofrerão danos com a transição. Precisamos de tudo isto, e para o fazermos é indispensável um investimento público maciço.

O Papa Francisco pediu-nos soluções criativas. E assim nos perguntamos: e se, em vez de fazermos a corrida ao armamento, fizésemos a corrida à alimentação, saúde e segurança no trabalho? Que estão a pedir neste momento os cidadãos? Precisam de um Estado militarmente forte, ou de um Estado que invista em bens comuns? Como gostaríamos os cidadãos de ver o seu dinheiro gasto hoje? Tem sentido continuar a fazer investimentos maciços em armas se não for possível salvar vidas humanas por falta de cuidados de saúde e trata-

mentos adequados? As despesas militares no mundo em 2019 atingiram o seu nível mais elevado. Se há uma pessoa doente na minha família e preciso de gastar em tratamentos, não invisto todos os meus recursos para tratar o meu familiar?

Não quero banalizar, mas estamos num momento no qual devemos compreender onde investir os recursos numa época de mudança. Atualmente, a primeira segurança é a saúde e o bem-estar. De que servem arsenais para estarmos mais seguros, se um punhado de pessoas infetadas é suficiente para espalhar a epidemia e causar tantas mortes? A pandemia não conhece fronteiras.

Estamos bem conscientes de que a questão é mais complicada do que parece: a corrida aos armamentos é um dilema que vê os Estados, por medo de outros Estados, ou para sobressaírem, que continuam a aumentar os seus arsenais militares. Mas isto gera um círculo vicioso que nunca acaba, forçando-os a aumentar cada vez mais as despesas militares. É uma competição posicional que leva a despesas irracionais a fim de manter as suas posições. Este tipo de corrida só se interrompe com uma vontade coletiva de autodelimitação. Precisamos de líderes corajosos que mostrem que acreditam no bem comum, que estejam empenhados em assegurar o que é mais necessário hoje em dia. Precisamos de um pacto coletivo para orientar os recursos para a segurança na saúde e para o bem-estar.

A Igreja como “hospital” de almas e corpos

Mensagem do patriarca Bartolomeu ao Papa Francisco

Devido às restrições impostas pela pandemia, este ano, o Patriarcado Ecumênico de Constantinopla não pôde enviar como de costume a delegação a Roma para a solenidade dos Santos Pedro e Paulo, celebrada pelo Papa Francisco a 29 de junho na Basílica do Vaticano. Para a ocasião, o patriarca Bartolomeu enviou ao Pontífice a seguinte carta.

A Sua Santidade Francisco, Papa da antiga Sé de Roma: saudações no Senhor!

Ao celebrar com Vossa Santidade a memória santíssima de São Pedro, Príncipe dos Apóstolos, e de São Paulo, Doutor dos Gentios e “Apóstolo da Liberdade”, que com alegria proclamaram o Evangelho da divina economia salvífica universal e deram as suas vidas como mártires em Roma, dirigimos a Vossa Santidade os nossos mais calorosos votos, saudando-o com um abraço santo.

A atual pandemia do novo coronavírus Covid-19 tornou impossível a nomeação de uma delegação oficial do Patriarcado Ecumênico e a sua presença na sua Sé para a Festa patronal da Igreja de Roma, como tem sido habitual nas últimas décadas. Participamos de longe nesta alegria festiva e veneramos aqui com devoção as relíquias sagradas de Pedro, fundador da sua Igreja e irmão de André, nosso Padroeiro e primeiro chamado entre os Apóstolos, enquanto obtemos força e bênção das relíquias, que Vossa Santidade generosamente ofereceu à Igreja de Constantinopla.

Rezemos e trabalhemos incessantemente, Santíssimo Irmão, pelo progresso do diálogo teológico bilateral entre as nossas Igrejas e pelo caminho rumo à unidade. Este processo é enriquecido pelas iniciativas que partilhamos e pelas nossas declarações conjuntas face aos grandes desafios contemporâneos e aos problemas globais. Temos uma abordagem comum a estas questões, que assenta “na rocha” da fé e nas virtudes cristãs fundamentais do amor e da justiça. A criação do homem “à imagem” de Deus e o seu destino eterno em Cristo conferem-lhe um valor insuperável.

Durante todo o período da pandemia fomos atingidos pelo sofrimento de tantos seres humanos, bem como pelo espírito de sacrifício e pelo heroísmo de médicos e enfermeiros. Ouvimos o clamor dos doentes e dos seus entes queridos, e sentimos a angústia dos desempregados e dos que se encontram em dificuldade devido às consequências financeiras e sociais da crise. Face a esta situação dolorosa, a Igreja é chamada a dar o seu testemunho com palavras e ações.

Os textos do Novo Testamento estão cheios de narrações de cura dos doentes, que se refere à plenitude existencial e à salvação humana. Cristo é o “médico das almas e dos corpos” e, ao mesmo tempo, Aquelle que «assumiu as nossas enfermidades e as nossas doenças» (cf. Mt 8, 17). Na linguagem teológica o pecado é descrito como doença e a terminologia médica é amplamente uti-

lizada para representar a incorporação e renovação do homem na Igreja, que é a enfermaria e o hospital das almas e dos corpos. Os Cânones da Igreja existem e servem «para a cura das almas e o cuidado das paixões» (Cânone 2, Concílio de Trullo). Para nós, cristãos, a terapia e a cura são uma antecipação da vitória definitiva da vida sobre a corrupção, bem como da transcendência última e da abolição da morte. Não é por acaso que a Igreja considera a contribuição do médico uma tarefa sagrada, enfatizando a relação de confiança entre médico e paciente e rejeitando absolutamente a noção da pessoa doente como uma entidade impessoal, como “objeto” e “caso”.

É neste espírito que a Igreja também aborda os problemas económicos e sociais, destacando os aspetos negativos do atual modelo dominante de atividade e desenvolvimento financeiro, que tem no seu centro a



“maximização do lucro”. Se este princípio prevalecer unilateralmente até durante a fase em que se enfrentam as consequências económicas da pandemia, então a humanidade será conduzida a um impasse sem precedentes. O futuro não pode pertencer ao economismo nem à “produção de

dinheiro através do dinheiro” sem referência à economia real. Ele pertence a uma economia sustentável, baseada nos princípios da justiça social e da solidariedade. A solução não é “ter” ou “ter mais”, mas “ser”, o que implica sempre “estar juntos”. A Igreja prega a prioridade da “relação” sobre a “aquisição”.

Com estas reflexões e sentimentos fraternos sinceros, esperamos uma rápida superação dos problemas que a pandemia criou até para a vida da Igreja, assim como alegria no dia louvado da vossa festa patronal, enquanto rezamos para que o Doador de todo o bem lhe conceda, amado irmão, por intercessão dos santos, gloriosos e aclamados apóstolos Pedro e Paulo em toda a parte, saúde robusta, muitos anos e todas as bênçãos do alto, em benefício da plenitude da Igreja, do testemunho cristão no mundo e de toda a humanidade. Confirmamo-nos com especial estima e profundo amor no Senhor.

29 de junho de 2020

De Vossa Santidade
afeiçoado irmão em Cristo,

BARTOLOMEU DE CONSTANTINOPLA

Uma carta do irmão Joseph lida durante o rito na catedral de Regensburg

Celebrado o funeral de Georg Ratzinger

«Deus te recompense por tudo o que fizeste, sofreste e me deste»: esta foi a última saudação que Bento XVI enviou ao «querido irmão Georg», cujo funeral foi celebrado a 8 de julho, na catedral de Regensburg.

O Papa emérito – que do Vaticano acompanhou ao vivo o rito fúnebre presidido pelo bispo de Regensburg, D. Rudolf Voderholzer – confiou as suas intenções de oração e a memória pessoal do irmão a uma carta, dirigida ao prelado celebrante e lida com grande emoção pelo arcebispo Georg Gänswein no final da missa.

Grato ao Senhor por lhe ter concedido o dom interior da compreensão, nas últimas semanas, de que tinha chegado o momento de ir novamente à Alemanha visitar o seu irmão doente, Bento XVI recordou aqueles dias tão intensos emocionalmente: «Quando me despedi de ti na manhã de segunda-feira, 22 de junho, sabíamos que seria uma despedida deste mundo para sempre. Mas também sabíamos que o bom Deus, que nos concedeu o nosso estar juntos neste mundo, também reina no outro mundo e lá permitirá que nos reencontremos».

“Cor ad cor loquitur”: o Papa emérito também citou o lema do cardeal John Henry Newman para expressar a sua surpresa e gratidão ao receber, nestes dias, numerosas confirmações de proximidade de pessoas de muitos países e de todas as classes sociais. E não podendo agradecer-lhes um por um, uniu-os num único abraço ideal: «Através do papel e para além do papel falamos os corações».

Joseph Ratzinger traçou um breve perfil humano e espiritual do seu irmão falecido, recordando três características principais. Antes de mais, referiu-se à sua vocação sacerdotal vivida também através da sua paixão pela música e, em particular, através do seu serviço como Domkappellmeister em Regensburg: «Pude experimentar – lê-se na carta – como ele era, e realizava-se continuamente como um homem sacerdotal, sendo presbítero e músico».

Georg Ratzinger, recordou o irmão, era uma pessoa de «sociabilidade alegre, de humor e cheio de alegria pelos bons dons da criação». Ao mesmo tempo, «era



um homem de discurso direto, que exprimia abertamente as suas convicções. Capaz de aceitar e superar interiormente a grande dificuldade de ter vivido durante mais de vinte anos em cegueira quase total, era «um homem de Deus» e, embora «não pusesse em mostra a sua religiosidade», esta era, além de toda a sobriedade, «o verdadeiro centro da sua vida».

Juntamente com o bispo de Regensburg, celebraram D. Gänswein e o núncio apostólico na Alemanha, D. Nikola Eterović. Estavam presentes no rito também os cardeais Gerhard Ludwig Müller e Reinhard Marx, entre outros, e o bispo de Eichstätt, D. Gregor Maria Hanke. A celebração foi acompanhada pelo canto de um grupo de ex-alunos do coro da catedral. E os despojos mortais de monsenhor Georg Ratzinger foram sepultados precisamente na área reservada aos Regensburger Domspatzen, no cemitério católico inferior de Regensburg, no final das exéquias.

Direito aos cuidados médicos para todos

Iniciativas do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil

RICCARDO BURIGANA

«Uma sociedade dividida pelo ódio não faz parte do plano de Deus»: com estas palavras o pastor luterano Inácio Lemke, presidente do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic) do Brasil, recordou, há alguns dias, a experiência da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos (que teve lugar de 24 a 31 de maio), quando houve um momento particularmente frutuoso na reflexão sobre o que fazer pelas pessoas atingidas pela Covid-19. Ao reconsiderar radicalmente, em tantos lugares, a forma de celebrar a Semana devido à pandemia, os cristãos quiseram testemunhar um profundo desacordo com todos aqueles (incluindo representantes das instituições) que tendiam a minimizar, ou até a negar, as consequências da crise sanitária.

Segundo Lemke, naqueles dias, muitas iniciativas foram planeadas e relançadas para a assistência dos últimos, dos mais expostos à pandemia, reafirmando o que já tinha sido dito pelo Conic e por muitas Igrejas desde o aparecimento do coronavírus, também no Brasil; o compromisso do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs de «unir homens e mulheres para partilhar a voz da denúncia da injustiça, a voz profética da esperança e a voz pastoral da assistência material e espiritual» foi-se reforçando, com o objetivo de ajudar todos face à propagação da pandemia. Este é um compromisso que, como tem sido manifestado nas últimas semanas, também assumiu uma dimensão inter-religiosa, com um envolvimento cada vez mais forte das religiões africanas e indígenas.

Denunciando a inadequação da resposta das instituições públicas e



multiplicando as iniciativas de cuidados de saúde e de luta contra a pobreza, o Conic indicou na vivência das palavras evangélicas de “acolher com bondade” o outro caminho para combater a pandemia, sempre com os olhos postos no amanhã, quando os cristãos tiverem que colaborar na reconsideração da casa comum. A atenção pelos últimos foi assim concretizada em muitas iniciativas locais, enquanto a nível nacional, para além de dar voz às terríveis condições dos índios (atingidos pela

pandemia de uma forma tão violenta que põe em risco, em muitos casos, a sua sobrevivência), o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs promoveu uma campanha para a regularização dos migrantes; com esta campanha, que envolveu também a Argentina, Bolívia, Chile e Peru (com a participação de Igrejas, organismos ecuménicos, associações sem fins lucrativos), quis solicitar a aplicação da resolução da Comissão Interamericana de Direitos Humanos, aprovada em dezembro de 2019, de modo a

possibilitar o acesso dos migrantes à saúde pública.

Ao apoiar esta campanha, o Conic quis reforçar a ideia de que a luta contra a pandemia requer um esforço partilhado por toda a sociedade, superando divisões e discriminações num espírito profundamente enraizado na democracia. Vai neste sentido o lançamento da Campanha da Fraternidade Ecuménica para 2021, promovida pelo Conic e pela Cnbb; durante anos o evento tem sido um dos sinais mais evidentes do diálogo ecuménico no Brasil porque dá testemunho de unidade na diversidade, guiado pelo amor de Cristo «para envolver comunidades de fé e pessoas de boa vontade, pensar, avaliar, identificar caminhos de superação das polarizações e da violência que caracterizam o mundo de hoje».

Para 2021, precisamente à luz da experiência da pandemia de Covid-19, que mostrou, ao Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, o que os cristãos devem fazer na sociedade em defesa dos últimos, foi decidido abordar o tema “Fraternidade e diálogo, compromisso de amor”, indicando um trecho da carta aos Efésios (2, 14) como ponto de referência para uma cultura de acolhimento que saiba viver a unidade, capaz de ir além das contraposições da sociedade contemporânea. Com estas iniciativas, o Conic não só continua o seu testemunho ecuménico a favor dos últimos, como tem feito desde a sua fundação em 1982, mas, neste tempo de pandemia, reforça o compromisso dos cristãos na luta contra todas as formas de discriminação, especialmente as que impedem ou limitam o acesso aos cuidados de saúde, a fim de promover a construção de um mundo de justiça e paz.

O Jesuit refugee service a favor dos deslocados em Angola Novas estratégias contra a pandemia

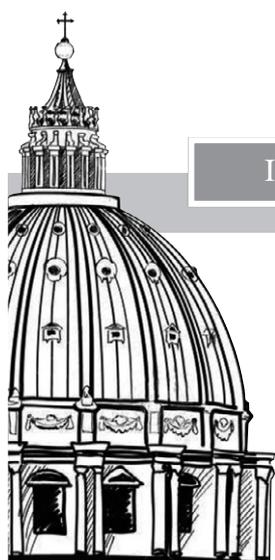
«Depois que a covid-19 bateu às nossas portas em meados de março, o Jesuit refugee service (Jrs) foi forçado a repensar a sua missão. Não se tratava de mudar o conteúdo da missão em si, mas de adaptar as nossas estratégias ao novo contexto criado pela pandemia do coronavírus», afirmou o padre Celestine Epalango, que trabalha em Angola com o Jrs. A organização, prosseguiu, «continua a servir, acompanhar e defender os refugiados na província de Lunda Norte, desenvolvendo materiais de formação que visam sensibilizar a comunidade para prevenir um número mais elevado de refugiados ou a deslocação interna de pessoas, causada pelos efeitos devastadores da covid-19». Além disso, o Jrs participa na promoção de iniciativas encetadas pelos refugiados, tais como a produção de mais de 6.000 máscaras, vendidas ao preço de 100 kwanzas. «Esta é uma forma concreta de promover a sustentabilidade económica dos refugiados e fornecer meios para combater a propagação da pandemia», salientou o padre Epalango. A organização oferece regularmente equipamentos higiénicos aos refugiados, particularmente aqueles que são vítimas de violência de género, e organiza sessões de demonstração de boas práti-

cas de proteção e prevenção contra a covid-19. O Jrs visita também diariamente os centros de detenção para ajudar a libertar os refugiados que foram presos por terem violado as regras do estado de emergência. Em média, dois prisioneiros são libertados por semana.

A realidade dos refugiados em Angola, assistidos pelo Jrs, é muito complexa e articulada. Em 2017, um grande número de pessoas fugiu da província de Kasai, na República Democrática do Congo (Rdc), e entrou na região norte-oriental de Angola. Esta migração forçada é o resultado de um conflito no interior da Rdc, que provocou a deslocação interna de 1,4 milhões de pessoas. Naquela circunstância, cerca de 35.000 pessoas fugiram para a província de Lunda Norte.

«Durante os últimos treze anos», frisou o padre Epalango, «o Jrs prestou assistência jurídica gratuita, aconselhamento psicossocial e espiritual a refugiados e requerentes de asilo, a crianças não acompanhadas, órfãos, vítimas de violência de género, jovens mães solteiras, crianças refugiadas que não podem ir à escola e quantas nem sequer têm a certidão de nascimento, idosos, refugiados e requerentes de asilo em Angola».





INFORMAÇÕES

Renúncias

O Sumo Pontífice aceitou a renúncia:

A 4 de julho

De D. Eduardo Porfirio Patiño Leal, ao governo pastoral da Diocese de Córdoba (México).

A 6 de julho

De D. Francisco Cases Andreu, ao governo pastoral da Diocese de Islas Canarias (Espanha).

A 8 de julho

De D. Stanisław Gębicki, ao cargo de Bispo Auxiliar da Diocese de Włocławek (Polónia).

Nomeações

O Santo Padre nomeou:

No dia 2 de julho

Visitador Apostólico para os fiéis etíopes de Rito Alexandrino Ge'ez residentes nos Estados Unidos da América e no Canadá, o Rev.^{do} Pe. Tesfaye Woldeariam Fesuh, do clero da Arquieparquia Metropolitana de Adis Abeba (Etiópia).

No dia 3 de julho

Bispo da Diocese de Ndola (Zâmbia), D. Benjamin Phiri, até agora Bispo Titular de Nachingwea e Auxiliar da Diocese de Chipata.

Chefe de Gabinete na Pontifícia Comissão para a América Latina, Sua Ex.^{cia} o Dr. Júlio César Caballero Moreno.

No dia 4 de julho

Membros do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, o Senhor Cardeal Joseph William Tobin, Arcebispo de Newark; D. Mario Grech, Bispo Emérito de Gozo e Pró-Secretário-Geral do Sínodo dos Bispos; D. Paulo Cezar Costa, Bispo de São

Carlos; D. Paul Rouhana, Bispo Titular de Antarados e Auxiliar de Joubbé, Sarba e Jounieh dos Maronitas; e D. Richard Kuuia Baawobr, Bispo de Wa.

Consultores do mesmo Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, D. Giacomo Morandi, Arcebispo Titular de Caere, Secretário da Congregação para a Doutrina da Fé; e D. Giorgio Demetrio Gallaro, Arcebispo, Bispo Emérito de Piana degli Albanesi e Secretário da Congregação para as Igrejas Orientais.

Núncio Apostólico na Grã-Bretanha, D. Claudio Gugerotti, Arcebispo Titular de Rebellum, até esta data Núncio Apostólico na Ucrânia.

Bispo da Diocese de Córdoba (México), D. Eduardo Cirilo Carmona Ortega, C.O.R.C., até hoje Coadjutor da mesma Sede.

No dia 6 de julho

Bispo da Diocese de Islas Canarias (Espanha), D. José Mazuelos Pérez, até à presente data Bispo de Jerez de la Frontera.

No dia 8 de julho

Membros do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso, os Senhores Cardeais Luis Antonio G. Tagle, Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos; Dieudonné Nzapalainga, Arcebispo de Bangui; Louis-Marie Ling Mangkhanekhoun, Vigário Apostólico de Vientiane; Ignatius Suharyo Hardjoatmodjo, Arcebispo de Jakarta e Ordinário Militar para a Indonésia; Jean-Claude Höllerich, Arcebispo de Luxemburgo; e Michael Czerny, Subsecretário do Departamento para os Migrantes e os Refugiados do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral; D. Lawrence Huculak, Arcebispo de Winnipeg dos Ucranianos; D. Felix Anthony Machado, Arcebispo, Bispo de Vasai; D. George Frendo, Arcebispo de Tirané-Durrés; D. Mark Tin Win, Arcebispo de Mandalay; D. Jean-Marc Aveline, Arcebispo de Marselha; D. Paul Yoshinao Otsuka, Bispo de Quioto; D. Thomas Chung An-zu, Arcebispo de Taipei; D. Raphy Manjaly, Bispo de Allahabad; D. Ambrogio Spreafico, Bispo de Frosinone-Veroli-Ferentino; D. Michael Joseph McKenna, Bispo de Bathurst; D. William Hanna

Shomali, Bispo Titular de Lydda; D. Denis Chidi Isizoh, Bispo Titular de Legia; D. Patrick Joseph McKinney, Bispo de Nottingham; D. James Massa, Bispo Titular de Bardstown; D. Paul Desfarges, Arcebispo de Argel; e D. Joseph Đinh Đức Đạo, Bispo de Xuân Lộc.

Bispo de Savannah, nos Estados Unidos da América, o Rev.^{do} Pe. Stephen D. Parkes, do clero da Diocese de Orlando, Flórida, até à presente data Vigário Forâneo do Central Deanery North e Pároco da "Annunciation Parish" em Altamonte Springs.

D. Stephen D. Parkes nasceu no dia 2 de junho de 1965, em Mineola, Nova Iorque (Estados Unidos da América) e recebeu a Ordenação sacerdotal em 23 de maio de 1998.

Bispo Auxiliar da Arquidiocese Metropolitana de São Paulo (Brasil), o Rev.^{do} Pe. Ângelo Ademir Mezzari, R.C.I., até agora Pároco de Nossa Senhora das Graças em Bauru, simultaneamente eleito Bispo Titular de Fiorentino.

D. Ângelo Ademir Mezzari, R.C.I., nasceu a 2 de abril de 1957, em Forquilha, diocese de Criciúma, Santa Catarina. Estudou Filosofia na faculdade Nossa Senhora Medianeira em São Paulo (1979) e Teologia no instituto teológico Pio XI, na mesma cidade (1984). Frequentou o curso de jornalismo na universidade federal do Paraná em Curitiba (1986-1989), e obteve a licenciatura em Teologia dogmática na pontifícia faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo (2003). No dia 31 de janeiro de 1981 emitiu a profissão religiosa na congregação dos Rogacionistas do Coração de Jesus e recebeu a Ordenação sacerdotal em 22 de dezembro de 1984. Na congregação desempenhou os seguintes cargos: formador dos estudantes de Filosofia e

vigário paroquial em Curitiba (1985-1989); formador dos estudantes de Teologia e diretor do instituto socioeducativo de São Paulo (1990-2002); diretor do instituto de pastoral vocacional (1993-2002) e presidente do conselho superior do mesmo instituto (2005-2010); conselheiro provincial (1989-1998); superior provincial da província São Lucas (2002-2010); e superior-geral em Roma (2010-2016). Além disso, foi presidente do conselho municipal de assistência social da cidade de São Paulo (2000-2002); assessor do departamento de vocações e ministérios da Conferência nacional dos bispos do Brasil (CNBB) e do CELAM; e membro do colégio de consultores da diocese de Bauru.

Vigário Apostólico do Vicariato Apostólico de Yurimaguas (Peru), o Rev.^{do} Pe. Jesús María Arístin Seco, C.P., até esta data Administrador Apostólico do mesmo Vicariato.

Prelados falecidos

Adormeceram no Senhor:

A 1 de julho

D. Pedro Ronchino, Bispo Emérito de Comodoro Rivadavia (Argentina).

O venerando Prelado nasceu no dia 14 de junho de 1928 em Rosário, na Argentina. Foi ordenado Sacerdote a 1 de agosto de 1954 e recebeu a Ordenação episcopal em 19 de março de 1993.

A 2 de julho

D. Teodoro Enrique Pino Miranda, Bispo da Diocese de Huajuapán de León, no México.

O saudoso Prelado nasceu em Cucurpe, Diocese de Sonora (México), a 1 de dezembro de 1946. Recebeu a Ordenação presbiteral em 2 de abril de 1972 e foi ordenado Bispo no dia 31 de janeiro de 2001.

No próximo mês de agosto

O cardeal Parolin em Ars e Lourdes

O cardeal secretário de Estado Pietro Parolin irá à França no próximo mês de agosto. Na terça-feira 4 estará no santuário de Ars dedicado a São João Maria Vianney para celebrar a festa litúrgica. Às 10h00 da manhã presidirá à Missa e pelas 15h00 dará uma palestra sobre o tema: «O Papa Francisco e os sacerdotes, uma viagem com o povo de Deus». O cardeal irá depois a Lourdes, onde presidirá à celebração eucarística no santuário mariano no sábado 15. Nesta ocasião o cardeal unir-se-á aos milhares de fiéis que participam na peregrinação nacional anual — que chegou à 147ª edição — promovida pela família da Assunção (composta por cinco congregações religiosas que seguem a regra de Santo Agostinho) juntamente com a Hospitalité e a Associação intitulada Notre Dame de Salut.

ANGELUS

O Papa agradece a quantos assistem os doentes

Francisco: «muito triste» por Santa Sofia

«Penso em Santa Sofia, e sinto-me muito triste», disse o Papa comentando a decisão turca de voltar a transformar o célebre museu de Istambul numa mesquita. As suas palavras, com as de gratidão a quantos estão próximos aos doentes nestes tempos de pandemia, ecoaram da janela do gabinete particular do Palácio Apostólico do Vaticano, no final do Angelus recitado ao meio-dia de 12 de julho com os peregrinos presentes na praça de São Pedro, e com os fiéis que o seguiam através dos meios de comunicação. Antes da oração mariana, o Pontífice propôs uma reflexão sobre a parábola do semeador, no centro do Evangelho dominical.

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

No Evangelho deste domingo (cf. Mt 13, 1-23) Jesus narra a uma grande multidão a parábola do semeador - todos nós a conhecemos bem - que lança a semente em quatro tipos diferentes de solo. A Palavra de Deus, simbolizada pelas sementes, não é uma Palavra abstrata, mas o próprio Cristo, o Verbo do Pai que se encarnou no seio de Maria. Portanto, aceitar a Palavra de Deus significa aceitar a pessoa de Cristo, o próprio Cristo.

Existem diferentes formas de receber a Palavra de Deus. Podemos fazê-lo como um caminho, onde as aves vêm imediatamente e comem as sementes. Esta seria a distração, um grande perigo do nosso tempo. Oprimidos por tantas intrigas, tantas ideologias, contínuas possibilidades de distração dentro e fora de casa, pode-se perder o gosto do silêncio, do recolhimento, do diálogo com o Senhor, de tal forma que

corremos o risco de perder a fé, de não acolher a Palavra de Deus. Vemos tudo, somos distraídos por tudo, pelas realidades mundanas.

Outra possibilidade: podemos acolher a Palavra de Deus como um solo pedregoso com pouca terra. Nele a semente brota depressa, mas também seca rapidamente, porque não consegue criar raízes profundas. É a imagem daqueles que acolhem a Palavra de Deus com entusiasmo momentâneo, que no entanto permanece superficial, não assimila a Palavra de Deus. E assim, perante a primeira dificuldade, pensamos num sofrimento, numa perturbação da vida, aquela a fé que ainda é débil dissolve-se, tal como seca a semente que cai no meio do pedregulho.

Podemos ainda - uma terceira possibilidade sobre a qual Jesus fala na parábola - acolher a Palavra de Deus como um solo onde crescem arbustos espinhosos. E os espinhos são o engano da riqueza, do sucesso, das preocupações mundanas... Aí a Palavra cresce um pouco, mas permanece sufocada, não é forte, morre ou não dá fruto.

Por fim - a quarta possibilidade - podemos acolhê-la como um bom terreno. Aqui, e só aqui a semente ganha raízes e dá fruto. A semente que caiu neste solo fértil representa aqueles que ouvem a Palavra, a acolhem, a guardam no coração e a põem em prática na vida quotidiana.

A do semeador é um pouco a "mãe" de todas as parábolas, porque fala da escura da Palavra. Lembra-nos que ela é uma semente fecunda e eficaz; e Deus espalha-a por toda a parte com generosidade,



sem se preocupar com o desperdício. Assim é o coração de Deus! Cada um de nós é um solo onde cai a semente da Palavra, sem excluir ninguém! A Palavra é dada a cada um de nós. Podemos perguntar-nos: que tipo de terreno sou eu? Pareço-me com o caminho, com o solo pedregoso, com os arbustos? Mas, se quisermos, com a graça de Deus, podemos tornar-nos terreno fértil, lavrado e cultivado com cuidado, para que a semente da Palavra amadureça. Já está presente nos nosso coração, mas fazê-la frutificar depende de nós, depende do acolhimento que reservarmos a esta semente. Muitas vezes somos distraídos por demasiados interesses, por inúmeras solicitações, e é difícil distinguir entre tantas vezes e tantas palavras, a do Senhor, a única que nos torna livres. Por isso, é importante habituar-nos a ouvir a Palavra de Deus, a lê-la. E volto, uma vez mais, a este conselho: tende sempre convosco um pequeno Evangelho, uma edição de bolso do Evangelho, no bolso, na bolsa... E assim, lede um pequeno trecho todos os dias, para

vos habitardes a ler a Palavra de Deus e a compreender bem que semente Deus vos oferece e a pensar com que solo a recebeis. Que a Virgem Maria, modelo perfeito de solo bom e fértil, nos ajude, com a sua oração, a tornar-nos solo disponível sem espinhos nem pedregulho, para podermos dar bons frutos para nós e para os nossos irmãos.

Depois do Angelus, o Papa lembrou também o Dia internacional do mar, saudando aqueles que trabalham nas embarcações e nos portos «longe dos seus entes queridos e do próprio país».

Caros irmãos e irmãs!

Neste segundo domingo de julho celebra-se o Dia internacional do Mar. Dirijo uma saudação afetuosa a todos os que trabalham no mar, especialmente aqueles que estão longe dos seus entes queridos e do seu país. Saúdo quantos se reuniram esta manhã no porto de Civitavecchia-Tarquínia para a celebração eucarística.

E o mar leva-me um pouco para longe com o pensamento: para Istambul. Penso em Santa Sofia, e sinto-me muito triste!

Saúdo todos vós, fiéis de Roma e peregrinos de vários países, especialmente as famílias do Movimento dos Focolares. Saúdo com gratidão os representantes da Pastoral do Campo da Saúde da Diocese de Roma, pensando em tantos sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos que estiveram e permanecem ao lado dos doentes neste tempo de pandemia. Obrigado! Obrigado pelo que fizestes e fazeis. Obrigado!

E desejo bom domingo a todos vós. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista.

